Rainhas do Mar: Umbanda e Movimentos Negros no samba de 1970 a 1980

Sea Queens: Umbanda and Black Movements in samba from 1970 to 1980

Monique Francielle Castilho Vargas
Escola Estadual Indígena Kuaa Mbo´e
Rede Estadual do Paraná
monique_vargas1@hotmail.com

Resumo: Este trabalho tem como proposta reunir as formas de resistência utilizadas pelos movimentos negros na consolidação da Umbanda, enquanto religião oficialmente brasileira entre os anos de 1970 a 1980, através da música popular brasileira, o samba. As letras de samba analisadas são os interpretados por Clara Nunes e Leci Brandão. Através da música buscou-se compreender as ressignificaçãoes culturais que esta sofreu; quais as vertentes adotadas que formaram esta mestiçagem cultural que é a religião umbandista e até que ponto as letras dos sambas escritos neste período exercia a função de defender a cultura afrodescendente.
Palavras-chave: Umbanda; Samba; Resistência.

Abstract: This work has a proposal to congregate the forms of resistance used by the black movements in the consolidation of Umbanda, officially as a religion in Brazil between the years 1970 to 1980, by Brazilian popular music, the samba. The analyzed letters of samba are interpreted for Clara Nunes and Leci Brandão. Through music one searched to understand the cultural ressignificaçãoes which it suffered, which the adopted sources that had formed this cultural miscegenation that Umbanda is the religion and to what extent sambas written letters of this period exercised the function of defending the culture of African descent.
Keywords: Umbanda; Samba; Resistance.

A falta de interesse sobre a história da cultura afrodescendente, por muitos anos deixava uma lacuna na historiografia brasileira, evidentemente a finalidade não é desconsiderar o trabalho de inúmeros historiadores que citaram os negros em seus escritos. No entanto, estes apareciam ocupando o papel de coadjuvante, escondida atrás da história positivista escrita para eternizar feitos heroicos dos colonizadores europeus. Nas palavras de Henrique Cunha Jr.:

> A história do Brasil sem o conhecimento da história africana era uma história unilateral, branca, marcada por concepções eurocêntricas. Por vezes essas concepções eurocêntricas eram marcadas pelos preconceitos e por

> concepções históricas racistas. Para termos uma história brasileira ampla e justa se necessita da imersão na história e na cultura africana, visto que a sociedade brasileira resulta da imensa participação de africanos e afrodescendentes, transmitindo conhecimento material e imaterial para a cultura brasileira. (2006, p. 85).

Sendo assim, a cultura que chegou ao Brasil em decorrência à diáspora negra, merece ser analisada em uma abordagem que não se limite em vitimizar os povos africanos, mas sim em descrever sua trajetória de luta, permanência e resistência frente a sociedade brasileira contemporânea marcada pela descriminação étnica.

Para tanto, necessita-se ressaltar as palavras de Nelson Mandela: "ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, ou por sua origem, ou por sua religião. Para odiar as pessoas precisam aprender" (MANDELA appud RIBEIRO, 2009, p.06), assim sendo, o preconceito e o racismo são construções sociais para consolidar a hegemonia de uma determinada etnia ou grupo social, ou seja, como diz Chartier "as representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnostico fundado na razão, são sempre determinados pelos interesses dos grupos que as forjam" (1987, p.17).

Deste modo, se o racismo e o preconceito são construções históricas, podem ser desconstruídos, contudo desconstruir uma representação consolidada e articulada a prática, não é uma atitude simples, pois não depende apenas de um discurso que comprove, mas de uma luta onde haja a união dos campos político, social e cultural.

Partindo desta problemática, o intuito é transitar principalmente dentro do viés cultural para explicar o processo de emancipação da população afrodescendente no Brasil, pois novamente utilizando o autor Roger Chartier como aporte teórico, este diz:

> A cultura não está acima ou ao lado das relações econômicas ou sociais, e não existe prática que não se articule sobre as representações pelas quais os indivíduos constroem o sentido de sua existência- um sentido inscrito nas palavras, nos gestos, nos ritos. É por essa razão que os mecanismos que regulam o funcionamento social, as estruturas que determinam as relações entre os indivíduos devem ser compreendidos como o resultado, sempre instável, sempre conflituoso, das relações instauradas entre as percepções opostas do mundo social. Não se podem, portanto, restringir apenas a sua finalidade material ou a seus efeitos sociais as práticas que organizam as atividades econômicas e tecem os vínculos entre os indivíduos: todas são ao mesmo tempo "culturais", já que traduzem em atos e maneiras plurais como os homens dão significados ao mundo que é o seu. Portanto, toda história, quer se diga econômica, social ou religiosa, exige o estudo dos sistemas de representação e dos atos que eles geram. Por isso, ela é cultural. (2004,

p.18).

Destarte, considerando as palavras do autor, pode-se dizer que uma das tarefas importante dos historiadores é procurar compreender a História nas suas diversidades culturais, pois é através dos substratos culturais que, encontram-se os fundamentos que regem uma sociedade.

Se economicamente a luta pela emancipação dos negros e negras, foi um processo doloroso, consequentemente pode-se imaginar como foi a questão relacionada à sua cultura que era totalmente distinta da europeia, ou seja, novamente enfrentaram o preconceito, inicialmente pela cor de sua pele, em seguida por possuírem práticas culturais peculiares.

O substrato da cultura africana que foi mais condenado, e, por conseguinte vítima de atos preconceituosos foi o campo religioso, pois desde suas primeiras manifestações foi associada ao demônio, uma vez que, o universo cristão não admite práticas que não vão ao encontro de seus dogmas, estas se tornam passíveis de preconceitos e condenações.

Visto que, a chegada dos povos europeus nas terras brasileiras, não significava apenas novas terras conquistadas para a Europa, mas também na incorporação de novas "ovelhas" para a religião católica, estes também tinham a tarefa de transportar o cotidiano europeu e acima de tudo o cristão para a América, tentando reconstruir um universo onde a cultura europeia pudesse prevalecer, pois neste período colonizar e evangelizar, no imaginário europeu eram conceitos muito próximos. Como diz o autor Mircea Eliade:

> "Os" conquistadores "espanhóis e portugueses tomavam posse, em nome de Jesus Cristo, dos territórios que haviam descobertos e conquistado. A ereção da cruz equivalia à consagração da religião e, portanto, de certo modo, a um novo nascimento". "Porque pelo Cristo passaram as coisas velhas: eis que tudo se fez novo" (II coríntios, 5: 17). A terra recentemente descoberta era "renovada", "recriada" pela Cruz. (1992, p. 34-35).

Seguindo este contexto, Ribeiro ressalta: "o outro é representado como um problema, como um empecilho para a construção de uma civilização ordeira, de uma sociedade hegemonicamente cristã" (2009, p.12). A partir desta condenação dos europeus com relação à religiosidade de matriz africana, os negros e negras começaram a criar artifícios para praticar seus rituais de forma que não sofressem possíveis retaliações. Iniciam-se então inúmeras práticas de resistência cultural.

A falta dos elementos religiosos da cultura africana, somados com a tentativa forçada de se converter e praticar a religião cristã fez com que, os negros utilizassem os objetos da religião católica, principalmente os santos, porém atribuindo outros significados, ou seja, relacionando aos seus orixás[1]. Aos olhos do europeu os escravos estavam praticando a fé cristã.

É neste momento que se pode observar a presença das representações e do imaginário atuando no mesmo espaço simbólico, no qual, o produto final resulta-se nas ressignificações. Mais tarde os africanos também trouxeram para suas práticas religiosas elementos da cultura indígena, seguindo o mesmo sentido, ou seja, atribuindo significados diferentes.

Em outras palavras, nasce a Umbanda, religião de matriz africana, mas que se constituiu no Brasil, resultado de uma combinação de práticas, representações e imaginário, pois considerando as palavras de Evelyne Patlageam:

> O domínio do imaginário é constituído pelo conjunto das representações que exorbitam do limite colocado pelas constatações e pelos encadeamentos dedutivos que estas autorizam [...] cada cultura, portanto, cada sociedade, e até mesmo cada nível de uma sociedade complexa, tem seu imaginário. Em outras palavras, o limite entre o real e o imaginário revela-se variável [...] (2005, p. 391).

De acordo com a autora, pode-se falar que a Umbanda se desenvolveu a partir de uma miscigenação cultural, na qual práticas de ambas as culturas dialogaram entre si; e a partir deste diálogo inicia-se a formação de um novo imaginário, no qual o resultado é o começo de uma nova prática cultural.

Com relação às representações fica ainda mais claro para evidenciar que a religião umbandista é resultado de uma miscigenação cultural, adotando o conceito de representação elaborado por Roger Chartier:

> A representação faz ver uma ausência, o que supõe uma distinção clara entre o que representa e o que é representado; de outro lado, é a apresentação de uma presença, a apresentação pública de uma coisa ou de uma pessoa. Na primeira acepção a representação é o instrumento de um conhecimento mediato que faz ver um objeto ausente substituindo-lhe uma "imagem" capaz de repô-lo em memória e de "pinta-lo" tal como é (CHARTIER appud CASALI, 2006: p. 67).

[1] Os deuses cultuados pelas religiões de origem africana.

Considerando a definição dos dois conceitos, entende-se que o imaginário e as representações ocupam um mesmo espaço simbólico, pois fazem uso dos mesmos elementos formadores. Exemplificando, a leitura particular que uma cultura faz da outra, atribuindo sentidos e significados diferentes tanto para objetos como para costumes, cujo objetivo é adequá-los da melhor forma possível com suas necessidades.

Enfim, não existe prática que não se articule sobre as representações, onde o resultado é a formação do imaginário, é por meio dessas concepções que o indivíduo constrói o sentido de sua existência, ou seja, toda a ação e comportamento do homem esta relacionado à sua cultura, sobretudo a religião que é uma forma singular de manifestação naquilo que o ser humano tem de mais elementar.

Um dos aspectos mais peculiares e extremamente relevantes da cultura religiosa africana com relação à europeia é o fato que, a primeira quando realiza seus rituais esta buscando soluções para amenizar seus sofrimentos e problemas que estão vivenciando no presente, já a segunda oferece uma vida de felicidade eterna após a morte. Nas palavras de Rodrigo Casali sobre a Umbanda:

> A religião ocupa justamente em atender as necessidades dos excluídos, dos enfermos, dos necessitados, afinal sua trajetória histórica é baseada na perseguição, na exclusão, os "deuses" que povoam o seu universo são todos vítimas do preconceito e da exclusão. Então não é de se admirar que esse imaginário sirva também como meio de reconstruir a realidade. (2006, p. 50-51).

O que o autor descreve, traz outro ponto a ser discutido, que foi o encontro das três etnias que passaram a dividirem o mesmo espaço territorial no Brasil. Para os europeus praticantes da fé cristã, que em sua consciência a única e verdadeira religião era a católica, demonizavam os rituais praticados pelos escravos, pois era um culto que fugia dos padrões católicos.

Em outras palavras, tudo aquilo que vai contra os preceitos católicos, está diretamente ligado ao mal. Consequentemente, logo atribuíram as práticas religiosas africanas como formas de manifestações demoníacas, justificando tal afirmação nas práticas de possessões (incorporação de espíritos) e magias, algo comum entre as religiões de matrizes

africanas. Contudo, Laura de Mello e Souza diz: "As práticas mágicas remontam à aurora dos povos, e estão presentes em todas as culturas de que se tem conhecimento, integrando o universo da religião. Entretanto [...] muitas dessas práticas mágicas tem caráter secreto [...]". (1995, p. 11-12).

Conforme a autora, todas as religiões apresentam manifestações de caráter mágico, porém de maneiras distintas, aparecendo em algumas implicitamente e em outras explicitamente. O que contribuiu para que as práticas de origem indígenas e africanas estejam relacionadas diretamente ao Diabo são as soluções imediatas que estas oferecem até para os problemas amorosos, denominadas magias ou feitiçarias eróticas.

Reforçando, tudo aquilo que pertence ao "outro" nunca é respeitado e deve ser imediatamente condenado, era marginalizando a religião africana que o europeu buscava sua hegemonia, mas considerando o que foi discutido acima, este artifício é o que alimenta a vitalidade religiosa, no qual a disputa pelo espaço concreto e simbólico atua na consolidação das religiões.

As práticas religiosas de origem africana, realizadas no período de colonização do Brasil são de origens tão misturadas que é algo complexo de averiguar todos os seus significados e, principalmente defini-las como uma única religião. No entanto, mesmo utilizando práticas e conceitos advindos de toda parte, sua finalidade era uma só, é o que Serge Gruzinski explica:

> Num universo institucionalmente rígido e hierarquizado como a sociedade colonial [...] engrossadas por um número crescentes de escravos africanos e, principalmente híbridos de todo tipo [...] buscando vingar-se ou proteger-se da opressão de seus senhores. Mestiços, que não tinham lugar nem no mundo dos brancos nem dos índios [...] espanholas órfãs, viúvas ou abandonadas, entregues a própria sorte, quando não a prostituição. Todos eles compunham uma camada da população insuportavelmente alijada do poder e das riquezas, nas mãos dos poderosos do vice-reino [...] para manipular desejos, recorria-se a todas as culturas, indiferentemente. Assim a magia e a feitiçaria ofereciam a todos a sedução de seus saberes e de sua eficácia. (2003, p. 292-293).

Considerando as palavras do autor, pode-se observar que a população marginalizada pelos detentores do poder buscava nas práticas mágicas formas de resistência, tanto cultural como étnica, pois o sentido ao qual foi atribuído à magia era justamente atender as

necessidades dos excluídos e dos enfermos. Portanto, não é estranho quando se ouve falar que havia laços de cumplicidades entre a curandeira indígena, a mulata macumbeira e a bruxa espanhola. Esses laços consistiam em trocas de experiências e até mesmo em trocas de favores.

A magia praticada pelos indígenas, africanos e brancos pobres, como forma de resistência étnico-cultural, ganhou forças transformando-se em rituais religiosos, não se tratando apenas em uma religiosidade que mescla práticas e conceitos da cultura dessas três etnias ressaltadas aqui, mas sim resultado de um "processo histórico, cultural, espaço sagrado, profano, resistência, luta, morte e vida ao mesmo tempo" (CASALI, 2006. p.23), em outras palavras todas desempenharam importante papel na construção sociocultural do Brasil.

A Umbanda, religião de genealogia africana se constituiu pautando-se em inúmeras práticas magicas exercitadas no Brasil, ou seja, é resultado de um processo de ressignificação cultural, pois foram adequando-se de acordo com as necessidades que surgiam no dia-a-dia.

Esta sucinta abordagem serve para evidenciar que, desde a chegada dos povos africanos no Brasil, estes tiveram que enfrentar diversas humilhações e condenações por conta de suas diferenças culturais corroboradas com as diferenças relacionadas ao fenótipo.

Todavia, a consternação dos povos africanos não findou em 13 de maio de 1888, ou seja, neste dia aconteceu o tão almejado sonho, a abolição da escravatura, no qual negros e negras depositavam a confiança de uma vida melhor, mas, os anos de pós-abolição não contemplou este objetivo. O subemprego, o desemprego, o preconceito e a favelização, trouxe uma realidade inversa e totalmente discriminatória.

Os negros, que, na condição de escravos sofriam aviltamentos, como pessoas livres continuam sendo marginalizados em razão da cor de sua pele e também pelas suas práticas culturais, sobretudo a religiosa.

A discriminação racial que sofreram ao procurar emprego mostrou aos negros a dura realidade da sociedade a qual estavam inseridos, dissipando suas esperanças de uma vida melhor como emancipada; mesmo porque nas novas relações de trabalho que estavam se formando no Brasil, o perfil de trabalhador da vez era o imigrante europeu, ou seja, branco.

Para tanto, é neste contexto de discriminação racial que a sociedade contemporânea herdou do período colonial e que, diariamente vem se disseminando em todos os locais, onde estão presentes as relações sociais é que os descendentes de africanos começaram a buscar

novas formas de defender sua cultura e fazer valer o projeto de promoção de igualdade ético racial. Nesse sentido Cardoso argumenta:

> Longa é a tradição de luta das populações de origem africana em nosso país. A historiografia contemporânea tem investigado múltiplas experiências de organização, seja buscando o enfrentamento das condições adversas de vida até a defesa da livre expressão das manifestações culturais herdadas ou compartilhadas. (2008, p. 14).

Das inúmeras formas de resistência utilizadas pelos afrodescendentes, encontraram no samba um campo fértil para dar voz aos movimentos negros que estavam se organizando entre os anos de 1970 a 1980, mesmo porque, o samba é um ritmo musical de origem africana, segundo Mussa e Simas que dizem:

> A expressão samba é, provavelmente, derivada do quimbundo di-semba, umbigada – elemento coreográfico caracterizador do samba rural em todas as suas variantes. Até o final do século XIX era comum a utilização do nome samba para designar todas as danças populares brasileiras derivadas do batuque africano. Posteriormente, a denominação passou a definir um gênero musical de compasso binário, derivado dos batuques do Congo e de Angola, e a sua dança correspondente (2010, p.12-13).

O samba se alastrou com tanta força em nosso país que, quando se fala de cultura brasileira, logo vem à cabeça de boa parte da população a seguinte afirmação: *"Brasil, terra do samba"*, ideário tão consistente que é difundido até em outros países.

No início dos anos de 1970, Clara Francisca Gonçalves Pinheiro, conhecida como Clara Nunes se consagrou como uma das maiores interprete da música popular brasileira cantando sambas. Embora a cantora fosse considerada branca, vários sambas interpretados por ela faziam apologia à cultura de origem africana, exemplo fidedigno é a canção com o título *Tributo aos Orixás*, que diz em seus versos:

> Trazidos por navios negreiros
> Do solo africano para o torrão brasileiro (bis)
> Os negros escravos
> Que entre gemidos e lamentos de dor
>
> Traziam em seus corações sofridos
> Seus Orixás de fé

Hoje tão venerados no Brasil
Nos rituais de Umbanda e Candomblé [...]
(DUARTE, NOCA E TAVARES, 1972).

Os versos dessa canção é uma alusão perfeita da trajetória histórica dos povos africanos, o primeiro descreve como ocorreu a diáspora negra e a condição social que os negros assumiriam em terras brasileiras, em seguida apresenta o estado de espírito que estes se encontravam e, que mesmo arrancados de seu local de origem, a religiosidade estava presente em seu imaginário, por último evidencia a resistência cultural descrita explicitamente, em outras palavras a vitalidade religiosa concretizada fora do território africano.

Outra canção interpretada pela cantora Clara Nunes que se tornou um sucesso foi "*Canto das três Raças"*, seguramente pode ser considerado um hino para os movimentos negros, pois descreve com veemência a luta dos povos africanos contra a escravidão, os aviltamentos que vivenciaram durante quase quatro séculos e, por último a discriminação racial que ainda está presente no cotidiano da população negra. Para tanto, seguem os versos da canção:

Ninguém ouviu
Um soluçar de dor
No canto do Brasil
Um lamento triste
Sempre ecoou
Desde que o índio guerreiro
Foi pro cativeiro
E de lá cantou
Negro entoou
Um canto de revolta pelos ares
No Quilombo dos Palmares
Onde se refugiou
Fora a luta dos Inconfidentes
Pela quebra das correntes
Nada adiantou
E de guerra em paz
De paz em guerra
Todo o povo dessa terra
Quando pode cantar
Canta de dor
E ecoa noite e dia
É ensurdecedor
Ai, mas que agonia
O canto do trabalhador
Esse canto que devia

> Ser um canto de alegria
> Soa apenas
> Como um soluçar de dor.
> (MAURO DUARTE E PAULO CÉSAR PINHEIRO, 1976).

Se fizer uma analise minuciosa da letra desta música, conclui-se que esta é de uma riqueza imponente para a historiografia brasileira, pois, não apresenta apenas fatos históricos que envolviam os povos oriundos da África, mas em poucos versos narra vários acontecimentos que marcaram a história de nosso país.

Considerando o conteúdo dos dois sambas analisados, foi possível observar que a história universal dos povos africanos que muitos livros didáticos ainda fazem referência, deixa a desejar, pois segundo o autor Cunha Jr:

> A história social brasileira, pelas formulações do marxismo clássico, não conseguiu satisfatória notoriedade à especificidade dos africanos e dos afrodescendentes. Essa história não deu evidência aos africanos e afrodescendentes como sujeitos da história, como protagonistas da história. Nos transformou apenas em mão-de-obra e mercadoria e não como seres pensantes e realizadores de uma epopeia de lutas constantes. Não conseguiu retirar do eixo das lutas de classe a formulação que explicasse a particularidade da história e da cultura desenvolvida pelos povos africanos e pelos descendentes destes na história do Brasil. (2006, p.87).

Evidentemente que, com essa afirmação, de forma alguma a intenção é menosprezar o marxismo, mesmo porque a base teórica marxista que iniciou os primeiros estudos sobre a população negra no Brasil e, nos permitiu compreender que a mão-de-obra escrava foi a essência da formação econômica do país. Entretanto, limita a participação do negro na construção daquilo que se convencionou a chamar de nação brasileira.

Deste modo, como muitos interpretam os movimentos negros que se formaram entre os anos de 1970 a 1980, não tinham apenas como objetivo resistir o preconceito, os interesses envolvidos iam além. O primeiro intuito era conscientizar a população negra da existência de desigualdades raciais e da necessidade de lutar contra a discriminação, em seguida promover políticas públicas geradoras de melhores oportunidades aos negros nas áreas da educação, saúde, economia e cultura.

Apoiado em todos esses objetivos, em 7 de julho de 1978 constituiu-se o Movimento Negro Unificado (MNU), movimento de resistência negra que realmente se organizou

enquanto proposta política, considerando as palavras de Cardoso:

> O MNU dava origem ao protesto negro, movimento de rua, de mobilização e de agitação política que marcará as organizações anti-racistas brasileiras das décadas de 1970-1990. Uma estratégia centrada na denúncia do racismo, na exigência do respeito à diferença cultural e racial, demonstrações do orgulho negro e defesa de suas origens africanas e nas lutas anti-escravistas. Este movimento dirá não às políticas de assimilação cultural e de branqueamento da população. (2008, p. 19)

Embora o MNU, tenha sido a organização de maior destaque, ou seja, que conseguiu chegar ao conhecimento de uma parcela considerável da população brasileira, não foi o primeiro movimento envolvendo africanos e afrodescendentes, pois movimentos sociais negros perpassam toda a história do nosso país, contudo, sempre na clandestinidade e certamente o fundamental para essas primeiras organizações era conquistar a liberdade. Um exemplo legítimo de organização foi a quilombagem que, na definição de Moura é:

> Entendemos por quilombagem o movimento de rebeldia permanente organizado e dirigido pelos próprios escravos que se verificou durante o escravismo brasileiro em todo o território nacional. Movimento de mudança social provocado, ele foi uma força de desgaste significativa ao sistema escravista, solapou as suas bases em diversos níveis – econômico, social e militar – e influiu poderosamente para que esse tipo de trabalho entrasse em crise e fosse substituído pelo trabalho livre (1989, p. 22).

Como já enfatizado, fatos que confirme os povos africanos enquanto sujeitos principais da história não foram ressaltados com importância significativa, tanto que por muito tempo fomos condicionados a acreditar na figura da Princesa Isabel, como personagem principal da abolição do regime escravo.

As inúmeras formas de resistência e luta dos negros contra a escravidão começaram a ser destacadas recentemente na história, e, isso vem acontecendo porque foi estabelecido pela Lei nº 10.639, de 2003, que se tornou obrigatório o Ensino de História da África e cultura afro-brasileira em todas as instituições de ensino.

Entretanto, ensinar conteúdos relacionados à África, não significa que todos os problemas que envolvem a população africana serão solucionados, pois alcançar tamanha

conquista, ainda depende de ações organizadas por movimentos, em outras palavras, o papel dos Movimentos Negros é de extrema importância para a conquista de uma política transparente que proporcione condições objetivas de vencer o preconceito e as desigualdades raciais.

Neste contexto, deve-se ressaltar a importância da compositora e intérprete Leci Brandão que, canta vários sambas cuja letra é em defesa dos mesmos ideais que o MNU se pauta. Leci Brandão, não deve ser destacada apenas pelo seu trabalho artístico, mas por toda sua caminhada de luta pela promoção de igualdade racial e respeito pela cultura afro-brasileira. Atualmente é deputada estadual pelo PCdoB no estado de São Paulo, além de fazer parte do Conselho Nacional de Promoção da Igualdade Racial.

São inúmeras as canções de Leci Brandão que fazem apologia à cultura de origem africana, no entanto, "*Casa Grande e Senzala"*, gravada no ano de 1976, que também foi samba enredo da Escola de Samba Mangueira em 1964, são versos que confirmam a trajetória dos povos africanos. Segue a letra da canção:

Pretos, escravos e senhores
Pelo mesmo ideal irmanados
A desbravar os vastos rincões não conquistados
Procurando evoluir
Para unidos conseguir
A sua emancipação
Trabalhando nos canaviais
Mineração e cafezais
Antes do amanhecer,
Antes do amanhecer, já estavam de pé
Nos engenhos de açúcar
Ou peneirando o café
Nos campos e nas fazendas
Lutaram com galhardia
Consolidando a sua soberania
E estes bravos com ternura e amor
Esqueciam as lutas da vida
Em festas de raro esplendor
Nos salões elegantes
Dançavam sinhá, damas e senhores
E nas senzalas os escravos
Cantavam batucando seus tambores,
Louvor, louvor a este povo varonil
Que ajudou construir
A riqueza do nosso Brasil
Meu Brasil
Meus pretos.

(ZAGAIA, COMPRIDO E LELECO, 1964).

Esta música é um retrato fiel da realidade social a qual a população africana foi inserida no Brasil. Narra todas as formas de trabalho árduo que os negros foram forçados a realizar para construir uma economia próspera no país. Contudo, não se esquece de ressaltar as manifestações culturais africanas.

A musicalidade e a dança aparecem na letra da canção de modo explicito nos últimos versos, porém estes mesmos versos, de maneira implícita também podem ser considerados como uma alusão à religiosidade, uma vez que a música e a dança são práticas muito presentes nos rituais religiosos de matriz africana.

Analisando o trabalho de Clara Nunes e Leci Brandão, pode-se observar que as duas intérpretes, dedicaram boa parte de sua carreira a cantar sambas que contasse a história dos povos africanos, em todos os seus substratos, não limitando o negro apenas como o alicerce econômico na construção do Brasil.

A religião é o elemento da cultura africana, ressaltado com maior intensidade, nas músicas de ambas as cantoras, isso comprova que mesmo as religiões africanas tendo sofrido todos os tipos de aviltamentos e condenações, é um dos substratos culturais de grande importância para os povos africanos, em outras palavras, foi à religiosidade uma das principais responsáveis na trajetória de luta, permanência e resistência dos negros fora de seu território.

As ressignificações culturais, que as religiões de matrizes africanas sofreram no Brasil, é algo comprovado tanto ao observar suas práticas realizadas em tendas de Umbanda, como ao analisar a letra de sambas que as enaltecem, no entanto, isso não significa que perderam sua essência, pois foi a maneira que africanos e descendentes encontraram de conservar o que o ser humano tem de mais elementar que é a sua religiosidade.

Assim sendo, o samba e os movimentos negros foram aliados na defesa da cultura africana, sobretudo, na construção de uma identidade religiosa peculiar e consistente, uma vez que ao falar de história dos povos africanos, a primeira coisa que se imagina são suas práticas religiosas.

Referências

BARROS, José D´Assunção. O campo da história: Especialidades e abordagens. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

BURKE, Peter. O que é história cultural? Tradução Sergio Goes de Paula. – 2.ed. rev. e ampl. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

CARDOSO, Paulino de Jesus Francisco. Notas sobre o movimento negro no Brasil. In: Educando para as Relações Étnico-Raciais II. - Curitiba: SEED – PR, 2008, p. 13-24. (Cadernos Temáticos dos desafios educacionais contemporâneos).

CASALI, Rodrigo. Quando os baianos se pintaram de Dourado (S): aspectos das práticas religiosas umbandistas da cidade de Dourados- MS. Dourados – MS: UFGD, 2006 Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Grande Dourados.

CUNHA JR, Henrique. História Africana para compreensão da História do Brasil. In: História e cultura afro-brasileira e africana: Educando para as questões ético-raciais. - Curitiba: SEED – PR, 2006, p. 85-98. (Cadernos Temáticos).

CHARTIER, Roger. História Cultural entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1987.

_____. Leituras e leitores na França do Antigo Regime; tradução Álvaro Lorencini – São Paulo: Editora UNES, 2004.

ELIADE, Mircea. O Sagrado e Profano. Tradução Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes; 1992.

_____. Mito e Realidade: tradução Pola Civelli. São Paulo Perspectiva; 2006.

_____. Mito do Eterno Retorno. Tradução José A. Ceschin. São Paulo Mercuryo, 1992.

GINZBURG, Carlo. O queijo e os vermes: O cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição; tradução Maria Betânia Amoroso; tradução dos poemas José Paulo Paes; Revisão técnica Hilário Franco Jr. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GRUZINSKI, Serge. A Colonização do Imaginário: sociedades indígenas e ocidentalização no México espanhol. Século XVI – XVIII. Tradução Beatriz Perrone-Moisés – São Paulo: Companhia das Leras, 2003.

HOBSBAWM, Eric J. Nações e nacionalismos desde 1780: Programa, Mito e realidade; Maria Célia Paoli. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

HUNT, Lynn. A nova História Cultural; tradução Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins

Fontes, 2001.

MATTOS, Regiane Augusto de. História e Cultura afro-brasileira. – São Paulo: Contexto, 2007.

MOURA, Clóvis. História do negro brasileiro. São Paulo: Ática, 1989.

MUSSA, Alberto. SIMAS, Luiz Antonio. Samba de Enredo: História e Arte. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

PATLAGEAM, Evelyne. A História do Imaginário. In: Jacques Le Goff, A História Nova. Traduçao Eduardo Brandão. - 5ª ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2005; p.393-420.

RIBEIRO, Antônio Daniel Marinho. O exorcismo da alteridade: o ideário cristão e a construção histórica e social das religiosidades de matriz africana como expressão de satanismo. - Dissertação (mestrado em Sociologia) – Universidade Federal de Alagoas, Instituto de Ciências Sociais. Maceió, 2009.

SOUZA, Laura de Mello e. A Feitiçaria na Europa Moderna. Série princípios Editora Ática – São Paulo – SP, 1998.